

Sociedade, espaço e tempo: uma relação intrínseca

Cristina de Moraes
Eduardo Schiavone Cardoso

1. Introdução

O trabalho traz abordagens de autores da ciência Geográfica quanto ao conceito de espaço, sendo estes influenciados pelo pensamento marxista que notoriamente adquire expressividade no Brasil, a partir da década de 70, marcada por cunho social predominante que entre outras preocupações, as diferentes manifestações materializadas no espaço, como evidência da apropriação espacial conferida por um determinado grupo social corresponderão ao cerne das pesquisas daquele momento.

Autores como Santos, Moraes, Correa e Andrade foram expoentes de produções sob a influência citada acima e, que irão influenciar significativamente as produções científicas seguintes, sendo, portanto, elencados e consultados para apresentar posturas frente ao conceito de espaço, que tem permanecido como fundamental para nortear estudos desta ciência. Contudo, nem mesmo sua extrema importância consegue reduzir as infinitas abordagens do espaço mesmo dentro da própria Geografia, o que faz com que seja revisitado e questionado e interpretado seguidamente.

As seções que seguem apresentam além do resgate de contribuições dos referidos autores para o conceito de espaço, abordagens sobre a noção de tempo e sociedade, estando vinculadas as formas que estes são tratados, contemplados, portanto, a partir das características que permeiam um objeto que seja alvo de estudo.

Deste modo, conceituações sobre o que é o tempo e/ou a sociedade são visivelmente mais reduzidos na Geografia do que o espaço, entretanto, presentes nas particularidades do estudo e a partir destas, sua relação espacial como é tratado no item “Sobre a relação da sociedade com o espaço”, que não conceitua sociedade, mas trata das formas que esta mantém sua relação com o espaço. Sobre a relação com o tempo (suas abordagens) serão trazidos Andrade, Santos e Lipietz, enquanto que para as abordagens de sociedade serão tratados autores como Moraes, Bernardes, Correa e Santos, que analisam esta relação principal a partir do trabalho social e a organização espacial como formas de entendimento da sociedade, apreendendo a relação entre espaço e sociedade.

2. Abordagens sobre o conceito de espaço

Neste item serão tratados as abordagens produzidas por autores como Santos, Moraes, Correa e Andrade, que correspondem as produções que irão influenciar significativamente as pesquisas científicas seguintes. Sendo deste modo, abordagens primordiais para desenvolver o trabalho.

A abertura teórico-metodológica que se verifica no método que norteou expressiva parte das produções geográficas brasileiras, a partir da década de 70, permitirá que conceitos chaves sejam apreendidos sob um prisma menos

definitivos, entretanto mais próximo à realidade e é exatamente esta proximidade que ofusca a exatidão que por vezes atrapalha a apreensão destas categorias.

A primeira vista, ao separarmos sociedade, espaço e tempo, a pergunta sobre a possibilidade da existência de um sem o outro é inevitável, contudo esta distinção não corresponde a uma separação. Separando-as do todo são expostas a uma ineficaz tentativa de compreensão uma sem a outra, tornando-as incompletas. Uma compreensão que estranha a própria ontologia do objeto em estudo.

Compreender as interpretações a respeito do conceito de espaço, corresponde à aproximação das características que constituem a sociedade, sendo fixadas por sua organização espacial. A maneira como é expressa o entendimento a cerca do espaço é o que difere entre autores, estando esta diferença enraizada com os seus métodos de buscar compreender o conceito. A nosso ver, isto não torna uma postura correta nem errônea, mas coerente com a dimensão pela qual se objetiva estudar a sociedade em sua pluralidade mediatizada pelo espaço.

Tanto tempo como espaço existem proposições que afirmam sobre a totalidade e que a existência de diferenças correspondem à subespaço que não são mera clivagem entre si, mas articulados sob algum aspecto, assim como tempos distintos mantêm uma ligação, mesmo que tênue, acaba por assegurar seu pertencimento do tempo.

A expressão que os diferencia, igualmente aquela que os integra corresponde às práticas sociais para reprodução social, esta dada num tempo e num espaço, o que nos permite parafrasear Lefébvre¹ ao se referir ao espaço “como lócus das relações sociais de reprodução.” Tornando deste modo, importante identificar qual categoria tornar-se-á significativa (diante do objeto de estudo) para apreender as nuances da organização espacial de um subespaço o que permitirá compreender sua função na totalidade espacial e suas características na unidade do tempo.

Correa (2003) nos alerta para a pluralidade do espaço para as diferentes ciências, bem como, as distinções que um mesmo objeto assume, sendo abordado por diferentes viés das ciências, adicionado na contínua mudança que o pensamento científico e a sociedade sofrem por relações recíprocas (Moraes, 1981), a compreensão da abrangência do espaço deve ser encarada como destituída da exatidão, sempre nos expondo à uma representação insegura frente às exigências, muitas vezes inflexíveis, da ciência.

Correa (2003) expõe que assim como a Antropologia, Sociologia, e História, a Geografia é uma ciência social, que busca compreender a sociedade através de um atributo diferente das demais ciências, sendo isto que irá distingui-la, possuindo o espaço como chave mestra para seus estudos, que através da materialidade impressa no espaço pela sociedade desencadeia uma riqueza de características sustentando as diferentes formas de estudar, pelo espaço, a sociedade em sua manifestação. É neste sentido que, principalmente a partir da influência de postulados filosóficos de cunho eminentemente social que o espaço assumirá função preponderante nos estudos geográficos.

Isto dar-se-á pela natureza do espaço enquanto realidade, que se evidencia com grande diversidade, esta relacionada com a sociedade que a

¹ Apud Bernardes, 2005.

comporta, constituída por dimensões que podem ser estudadas separadamente, mas a compreensão da totalidade espacial exigirá uma noção do limiar das dimensões.

Deste modo, mediante o objetivo do estudo o enfoque e a exposição a cerca do espaço pode apresentar diferenças mediante outros estudos. Para o autor, o espaço pode ser interpretado como sinônimo de organização espacial, bem como estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social e espaço socialmente produzido. (Correa, p.54, 2003)

Na escola marxista da Geografia, que no Brasil adquire saliência a partir de 1970, este conceito será inaugurado por Henri Lefébvre, em *Espacio y Política*, a partir de uma visão que ressalta a interferência da ação humana no espaço objetivando a efetivação de sua reprodução social, assim o espaço “desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema.” (Lefébvre, 1976 apud Correa, 2005, p.25).

A noção de totalidade do espaço é crucial para compreender as configurações que desdobram no mundo, que mesmo com várias faces apontam para serem estas de um mesmo fenômeno, sendo esta diversidade, condição para sua consolidação.

Santos, em sua obra, *Espaço & Método* (1985) afirma que o estudo do espaço deve ser cristalizado mediante categorias analíticas, sustentando sua apreensão. Para o autor, “a compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estruturas e funções através do tempo.” (p.50.1985)

Ressaltando a limitação que ocorre ao tentarmos definir, mesmo que a grosso modo, algo e, a isto adicionamos a ambigüidade que uma conceituação pode produzir principalmente quando correlato ao empírico, Santos busca através das quatro categorias, evidenciar uma base analítica do espaço, sem procurar coisificá-lo, sendo isto evidente quando alerta para a definição atribuída para as categorias expressas apenas seu âmago, igualmente para o caráter social da produção do espaço, “já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, a história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade. (p.49). Deste modo, define-as como:

“Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função (...) sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo (...). Processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.” (Santos, p.50, 1985)

Para clarificar o alcance do poder explicativo destas categorias, Correa (organização e regia) aborda-as na perspectiva de compreendê-las na organização espacial, sendo que podemos destacar sua abordagem sob as formas espaciais, tidas como “herdadas do passado e presentes na organização atual apresentam uma funcionalidade efetiva em termos econômicos ou um valor simbólico que justifica a sua permanência”(p.71).

Enquanto que para as estruturas focaliza a sua não manifestação imediata, facilmente apreensível pelo cognitivo, podendo corresponder “á maneira como estão (o padrão espacial) inter-relacionados entre si(...) Ela é invisível, estando subjacente à forma.” (71).

3. Abordagens sobre o tempo e sua relação com espaço

Considerando o espaço como produto da prática social sob e com um meio, que a partir de uma estrutura irá condicionar as produções espaciais posteriores, numa relação de condicionante-condicionado, o espaço é uma instabilidade social que mantém uma ligação que une através de si, tempos diferentes, o que nos remete, quando estudamos o espaço, pensar no tempo e vice-versa.

A noção de temporalidade é dada analogamente pelo tempo de duração que o fenômeno que ocupa no espaço para efetivar-se. Existe a partir desta lógica, momentos distintos que assinalam a totalidade do processo, sendo caracterizados por aquilo que lhe é precedente na organização espacial, evidenciando a diversidade com que os fenômenos se reproduzem de modo a exigir tempos e espaços diferentes.

O tempo, assim como o espaço corresponde à uma das questões clássicas que mais tem preocupado filósofos, sendo possível encontrar referência á estas terminologias no pensamento grego, contudo, esta antiguidade não corresponde à uma definição sobre tal. Mesmo diante da indefinição das ciências quanto aquilo que é, o tempo é interpretado como indissociável da pesquisa, e quando não assume a função de categoria, está subentendido na análise.

Ao abordarmos a sociedade e suas práticas desdobra em função de sua reprodução social, encontramos as suas distintas manifestações que são identificadas num tempo que permite compreendê-lo, sem que isto signifique a inexistência de tempo diferentes num mesmo tempo mediatizado pelo espaço. Um exemplo, as técnicas de produção, que são criadas num tempo, podendo ser disseminadas noutra, mas coexistir com novas técnicas. (Santos, 1982)

Sobre a inter-ligação entre tempo, espaço e sociedade, Andrade (1997) afirma que esta condição é manifestada nos dois últimos, em sua materialização espacial, como na formação social que permite um unidade à esta tríade. De acordo com o autor,

“tempo vem sendo analisado como se fosse uma sucessão linear que se divide em três etapas: passado, presente e futuro. Essas etapas são apenas cronológicas, de vez que as instituições e as relações existentes no passado permanecem e atuam no presente e se projetam no futuro. Assim, a um só tempo, a sociedade (...) vive no presente também o passado, através dos resquícios outrora dominantes, e as projeções no futuro”. (Andrade, p.20-1, 1997).

Lipietz (1988) ao trabalhar sobre o capital e sua influência na produção do espaço, sem fazer uso da palavra temporalidade, deixa ao entendimento do leitor quando se refere ao arranjo de instâncias regidas sob uma lógica de

reprodução social que pode diferenciar de outro arranjo, todavia “isso não faz deles domínios independentes do todo” (p.22).

A dependência é caracterizada pela essência que mantém-se numa organização espacial expressando suas diferentes manifestações através das mudanças que não correspondem à ruptura principal da lógica que sustenta, ao contrário, são adaptações efetuadas. Esta diferença temporal existente para um mesmo fenômeno permite distinguir temporalidades, que correspondem a uma unidade nas dimensões sócio-espaciais articuladas entre si, mas distintas de outras.

Na literatura geográfica a noção de tempo está relacionada com a definição de temporalidade que está enraizada a uma organização espacial. O que nos permite afirmar como categoria de estudo, a definição das temporalidades não é atrelada às orientações cronológicas, mas pela unidade empírica que caracteriza o objeto de estudo.

4. Sobre a relação da sociedade com o espaço

Para compreender como discorre a organização espacial é importante considerar a característica de imposição que o espaço faz à sua própria produção, assegurando a possibilidade de um dado sistema se reproduzir para outros momentos que extrapolam aquele que corresponde à sua inserção. Igualmente pelo conjunto de dimensões que o compõe intimamente interligadas, considerando que “a medida que são introduzidas mudanças em um âmbito, os demais devem adequar-se para que não se rompa o equilíbrio e se supere o conflito.” (Bernardes, p.241.2005).

De acordo com a autora, baseada em Sanchez (1991):

“as transformações sociais devem encontrar correspondência na adequação espacial, sem a qual não é viável a manutenção da estrutura social, o que justifica a consideração do espaço como uma variável significativa no estudo das relações sociais. Portanto, a tecnologia explica o espaço e este explica a sociedade, já que cada formação social é ao mesmo tempo formação espacial, onde o sistema de produção e reprodução social, a organização e a oposição de classes sociais estão materialmente impressos.”

O entendimento da organização espacial pela técnica não exclui a importância que as manifestações sociais não materializadas (imediatamente) para o processo, nem procura coisificá-lo ou tecnicá-lo, mas elenca-a como ponto de partida para apreendê-la, concordando com a autora quando expõe que “a construção do espaço é, na aparência um fato técnico, mas na essência um fato social.”(Bernardes, p.244,2005)

Sobre a organização espacial, Correa (2003) trata da importância que os elementos presentes no espaço possuem para apreender a expressão de um fenômeno da sociedade, sendo, portanto, materialidade social (p.53). Como esta, “a organização espacial é uma dimensão da totalidade social, construída pelo homem ao fazer sua própria história.” (p.53) Deste modo, a importância que os elementos presentes no espaço é significativa, por mesmo aparentar um fato meramente técnico, são, nas palavras de Bernardes (2005), de essência social.

Santos (1996) trata do uso das técnicas como prótese do homem que possibilitará a este mudar o espaço no qual está inserido, sendo também mudado por esta prática. Expressa também a importância de compreender o significado que estas possuem, considerando que são sim formas materiais pela qual possibilita a reprodução social, sendo ainda possível elencar a) como parte de um conjunto de dimensões sociais que permite entender um determinado modo de produção e sua relação sócio-espacial correspondendo à informação de toda e qualquer fração do espaço; b) possibilita entender a força que territorializa-a, o que nos instiga para interesses e um significado político destas; c) ao ser analisado uma organização espacial mediante a técnica predominante desta, permite visualizar uma hierarquia entre os diferentes espaços no sistema vigente; d) aproxima-nos das relações sociais de produção. A abordagem destes fatores não serão tratados neste trabalho, uma vez que não corresponde ao seu objetivo.

As técnicas, se tomadas isoladas são apenas dados técnicos, entretanto é um meio pela qual a sociedade adota para desempenhar a sua reprodução social estando relacionada com um sistema produtivo, existindo entre este e a técnica uma coerência que permite efetivá-lo. Moraes (1987) expõe que as produções marxistas assinalam que é pelo trabalho (e este faz uso de técnicas) que o homem é distinguido do animal. Uma vez que só “o trabalho implica pré-ideação, consciência da ação.” (Moraes, p.75, 1987), colocando “finalidade conscientes em seus atos.” (Ibidem).

Sendo englobadas dentro de um sistema produtivo, as técnicas irão impor um tipo de relação social de produção, predominantemente ditada por quem possui o poder de influenciar na força motriz do sistema, considerando então que “a articulação entre espaço e técnica se dá, portanto, mediada pelas relações sociais de produção, já que estas são condição geral da produção do território e da renovação da base técnica de produção.” (Bernardes, 2005.p.246).

Abordando sobre a intervenção que o homem faz no espaço para assegurar sua reprodução social, Correa (2003) destaca para as relações que são mantidas ao desempenhar um trabalho social, sendo neste “que os homens estabelecem relações entre si, a partir destas, com a natureza.” (Correa, p.54, 2003). Esta última tanto pode ser a segunda como a primeira natureza.

É importante observar a abordagem sobre gerenciamento de territórios, principalmente àqueles estabelecidos por instâncias econômicas (Haesbaert, 2004) que desencadeiam uma organização específica para mantê-lo, sendo que as suas características evidenciam noções sobre a distribuição de renda e a posição que os grupos sociais que o integram possuem, detalhes que refletem na organização espacial, evidenciando informações sobre a sociedade que a constrói. Por isto,

“o fundamental é definir a dinâmica territorializadora da técnica, e o desafio que se coloca é o de verificar se existe coerência entre a renovação na base técnica de produção e os efeitos espaciais, já que as mudanças no processo produtivo definem as mudanças necessárias na articulação territorial para que o processo funcione. Através da configuração dos novos espaços sociais derivados das mudanças técnicas é possível captar e definir se existe ou não tal ocorrência e analisar suas causas.”(Bernardes, 2005.p250)

Procurando interligar a noção de organização espacial de Correa permite-nos que a compreensão da organização espacial seja pautada numa lógica que não a utiliza como modelo perenal, mas que materialize no espaço formas que condicionam juntamente com suas funções e estrutura a sustentação desta organização.

Novamente ressaltamos a necessidade de afastar uma idéia de externalidade quando elencamos sociedade, espaço e tempo como categorias que nos conduzem ao seu próprio entendimento. A distinção não anula a sua dependência e suas relações, ao contrário esboça uma idéia que a mesma individualidade que separa, somente é assim pela relação com aquilo que analiticamente definimos como entorno, sendo, portanto, uma distinção em função do pensamento do que empiricamente. (Morin, 2003)

O modo de produção que existe num grupo social, sendo composto pelo conjunto técnico e pelas relações sociais que possibilitam seu funcionamento corresponde à informação fundamental para entender a relação estabelecida entre as categorias. Isto pelo simples fato que para desempenhar este modo vinculado à própria reprodução social de quem o faz, é assim feito no espaço, sendo em determinado momento da história da humanidade condicionado pela organização social criada pelo próprio modo de produção, ampliando a inter-relação entre ambos (Moraes, 1987).

Se adotarmos a divisão que Marx efetuou no devir da humanidade para compreendê-la, tendo por variável classificatória os modos de produção, o capitalismo, que corresponde à existência contemporânea, manifesta-se sob distintas formas, nem sempre possuindo as mesmas regras tal qual Marx avaliou, contudo nos demonstra as diferentes formas que uma sociedade interage com o espaço, sendo este nível que não é apenas seu produto, mas condicionante à própria ação humana. (Moraes, 1987).

Ainda sobre a organização espacial, Correa afirma ser ela,

“expressão da produção material do homem, resultado de seu trabalho social. Como tal, refletirá as características do grupo social que a criou. Em uma sociedade de classes, a organização espacial refletirá tanto a natureza classista da produção e do consumo de bens materiais, como o controle exercido sobre as relações entre as classes sócias que emergiam das relações sociais ligadas à produção.” (Correa, p.55-56, 2003)

Deste modo, o trabalho social pode ser visto como ângulo principal para relação processual que na visão marxista corresponde à ontologia do ser social, remontando os diferentes aparatos que o homem faz uso para efetivar sua reprodução social, existindo uma relação permanente entre espaço e sociedade em que ambos são reciprocamente alterados, possuindo na base deste percurso, a coleta e agricultura de subsistência alterando-se para formas aprimoradas de produção, baseadas em momentos distintos na evolução científica da Física, Química e recentemente Informática e bioengenharia (Moreira, 2006), impondo uma complexidade nas relações sociais que extrapolam proprietário-assalariado, imprimindo no espaço apropriações diferenciadas, mas correspondentes à força que dinamiza a sua formação.

É neste sentido, que Moraes (1987) expõe sobre a unidade sociedade-espaço, que para o autor “é a histórica (contraditória) e não-ecológica (de conteúdo natural). Se a cidade não é a simples ampliação dos lugares, também

a relação contemporânea sociedade-espaço não pode ser reduzida a uma reprodução bisonha dos antigos gêneros de vida”. (p.92)

Nesta perspectiva é que a forma que caracteriza a reprodução social de uma dada sociedade pode ser visualizada como o ponto de congruência entre esta, o espaço e tempo, além de permitirmo-nos um delineamento da multiplicidade de informações que circulam para efetivar um processo, não estando neste uma instancia desarticulada doutra, sendo que sua distinção corresponde apenas uma etapa de estudo para aproximação e apreensão com a maior fidedignidade possível da base empírica.

5. Considerações finais

Rever algumas matrizes teóricas na busca de entendimento sobre o conceito de espaço demonstra a semelhança com que autores tem tratados o tema, expressando-a de formas distintas que são, num entender complementares, ampliando as fronteiras entre o conhecido e desconhecido. A diferença por qual é expressada este entender, não pode ser vista de forma negativa, mas emerge o trabalho incessante que pesquisadores desenvolvem na ânsia de contemplar a diversidade que é perceptível quando possível o espaço como objetivação que nos conduz ao entendimento de uma das manifestações sociais por qual a sociedade pode ser apreendida.

O trabalho, a técnica, vão estar relacionados ao meio, que o homem utiliza para assegurar sua reprodução social sendo materializadas no espaço, portanto, é encontrada na história da humanidade diferentes momentos deste conjunto, sendo resultado das próprias características que marcam um grupo social, por isso sua importância para compreender a sociedade num dado momento. O sistema econômico vigente está disseminado por praticamente todas as partes do globo, entretanto, são encontradas diferentes formas por qual a sociedade fazem uso para assegurar sua reprodução social, e isto significa, que mesmo num período que o sistema alcança proporções globais, serão existentes diferentes formas de materialização social, estando vinculadas às características que marcam o grupo que a faz.

É por este viés que o trabalho assume importante papel para compreender o porquê, tanto de uma sociedade quanto de uma materialidade que expressa (denotando ao espaço uma acumulação de diferentes momentos, e nem por isto, a sua co-existência de tempos diferentes é totalmente conflituosa), sua função primordial para apreender a relação entre espaço e sociedade num dado tempo. Igualmente pelo meio que uma sociedade adota para sua sucessão que consegue articular informações sobre si, sobre seu tempo estando estas duas presentes no espaço.

O espaço pode ser compreendido como arranjo ordenado de objetos de diferentes naturezas, que não estão inconscientemente localizadas, sendo condições materializadas que sustentam a ligação entre passado, contemporaneidade e sua projeção ao futuro. Sendo ainda perceptível através de seu estudo, a manifestação de tempos distintos quando relacionados com a trajetória de um fenômeno ou processo, sobre e justapondo subespaços, cada qual com uma lógica diferente, mas nem por isto desarticuladas, que da

mesma forma, correspondem à sociedade organizada distintamente, materializando estas distinções no espaço.

É por carregar a pluralidade que comporta ao mundo, mediante as materializações que uma única conceituação é facilmente extrapolada seja pela realidade do espaço, que emerge suas diferenças, quando pelo decorrer do tempo, que desvalida uma abordagem que outrora fora adequada ao mesmo espaço, em virtude das permutas que este vivencia.

As abordagens revisitadas trazem indicativos daquilo que permite compreender o espaço e algumas de suas possíveis características, mas não conseguem qualificar um espaço, ao menos que estejam articuladas sendo concluídas por tal ação, através de um trabalho empírico, que tão logo se alterará, quando a sociedade estudada pelo espaço sofrerá mudanças.

6. Referências bibliográficas

ANDRADE, M.C. **A geografia e a sociedade**. In: SOUZA, M.A.A; SANTOS, M; SCARLATO, F.C; ARROYO, M (Org). Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica. 3ª ed. São Paulo. Hucitec. 1997.

BERNARDES, J.A. **Mudança técnica e espaço: uma proposta de investigação**. In: CASTRO, I; GOMES, P.C.C; CORREA, R.L. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

CORREA, R.L. **Região e organização espacial**. São Paulo. Ática. 2003.

_____. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, I; GOMES, P.C.C; CORREA, R.L. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. Tradução Manoel Fernando Gonçalves Seabra. São Paulo. Nobel. 1988.

MORAES, A.C.R; COSTA, W.M. **Geografia Crítica**. A valorização do espaço. São Paulo. Hucitec.1987.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo. Contexto. 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa. Instituto Piaget. 4ª ed.2003.

SOJA, E.W. **Geografias pós-modernas**; a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1993.

SANTOS, M; SOUZA, M.A. (Org) **O espaço interdisciplinar**. São Paulo. Nobel.1986.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo. Hucitec. 1982.

_____. **O espaço e o método**. São Paulo. Nobel.1985.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo. Hucitec. 5ª ed. 1997.